

O RETORNO

Clauder Arcanjo⁶¹

O quadro ainda cheio de rabiscos da aula anterior, as cadeiras em desalinho, o cesto vazio, os papéis do último recreio jogados ao chão; ao canto, próximo da lixeira, mas não dentro dela. “Respeitem as regras, caros alunos. Nunca se esqueçam das regras. Em especial, as de bom comportamento.”

Deu alguns passos, passou a mão na cadeira da frente. A sua preferida. Baixinho, sempre gostava de sentar próximo à lousa. Mantinha-se mais atento, apesar do risco das perguntas de supetão. Preferíveis à troça dos colegas de classe. “Passa logo a cola, seu babão. Seu puxa-saco!”

Pôs os olhos a distância, e as cenas ganharam volume, nitidez, som e cor. Como se tudo presente. Mesmo transcorridos vinte anos. “Recebemos uma carta do colégio, Antonino. Você precisa comparecer à diretoria. Como sem falta, ouviu?!”

Logo à frente do prédio, tudo se fez tomado de uma clareza sem par. As aulas chatas, daqueles professores que davam as costas para o alunado, puxavam as fichinhas e... haja transcrição de tudo para o quadro-negro. Num silêncio inquietante, apenas o rangido do giz, como a reclamar, em nome da turma, daquela didática chinfrim. As aulas de decoreba, dos “preguiçosos”, que nunca preparavam nada e, de improviso, sacavam um artigo da algibeira e mandavam todos ler em grupo. “Leiam, discutam e apresentem um resumo, em grupo de seis. Não mais do que dez minutos para cada equipe. Valendo dez, não esqueçam. Dez!”

— Ordinários!

E, de repente, a lembrança do professor Argemiro. “Por onde andarás o mestre Argemiro?” “Fechem os livros, relaxem e escutem esta

61 Professor. Contista e poeta.

canção. Deixem-se levar pela musicalidade e sintam, profundamente, a vibração e a força desta criação. Não fiquem preocupados em reproduzi-la. Permitam que ela invada corpo e alma, impregnando-os com tão intensa mensagem poética...”

A estranheza, o susto, e, muitas vezes, o protesto. “Este é o maior dos preguiçosos, pelo jeito!” — vociferaram alguns.

Na semana seguinte, quando ele apresentou um livro de poemas à classe, a singular convocação: “Agora é chegada a hora de vocês decodificarem outros signos; decifrando-os, se possível. Transformem tudo em outra forma de expressão lúdica: uma crônica, uma música, uma pequena representação teatral, uma pintura... Enfim, a arte se transformando em arte. Como a vida. Na verdade, como o verdadeiro ensino, meus caríssimos! Também, com vocês, farei a minha descoberta, pois sempre se aprende quando se ensina. Ensinar e aprender, em comunhão.”

“— E como será a nossa nota, professor?”

“— Esqueçam, por enquanto, as avaliações! Desçam de cima do cavalo do pragmatismo e montem no unicórnio da revelação do sublime. Vejam!, ele está selado, apenas aguardando-os. Montem nele, vamos! Montem! Vocês não foram criados para a rotina, acreditem. Carpe diem!”

Estranhou. Acostumado aos outros “mestres”, flagrou-se em pânico.

À noite, em meio aos lençóis de espinho, uma espécie de revelação. Buscou ligeiro os óculos, o lápis e o papel, e escreveu aos borbotões. Solitariamente, como nunca o fizera. Uns acordes ao fundo, e alguns “versos” a impregnarem as páginas em branco. Cada estrofe era como um oásis em meio ao deserto da mente. Deixou-se conduzir, apesar da sensação de deriva em meio a tudo. Ao término(?), uma satisfação estranha no peito.

Na manhã vindoura, Argemiro colocou-os frente a outro exercício. “Vamos explorar hoje um território deveras desconhecido, eivado de preconceitos; exigirá de todos nós a coragem de viajar por terra ignota. Por isso, suspeito, de beleza mais selvagem. Proponho que façam uma ligação entre a música, os poemas e este filme a que va-

mos assistir juntos. Numa cadeia ininterrupta, frutos da mesma árvore. Uma aula contínua, não sei se me entendem! Um alerta. Melhor, um aviso: — Não tenham medo de desaprender o antes “apreendido”. Não tenham vergonha de se desfazerem de alguns trastes velhos que infestam a dita memória!” Um filme com cenas “picantes” surge aos olhos de todos. “Pornográfico!”; segundo avaliação de Alzira, Gertrudes e Inácia, as três Filhas de Maria.

Dias depois, a carta anônima endereçada ao diretor, Matias Péricles Marinho, denunciando “a libertinagem, a devassidão do professor Argemiro de Castro Magalhães”.

O conselho dos pais e mestres foi acionado e, para evitar um escândalo ainda maior, a “proposta conciliadora”: “Façam um abaixo-assinado e peçam a saída do senhor Argemiro.”

Mais som e cor na lembrança. Tudo vivo, passado e presente. Apesar dos vinte anos. “Respeitem as regras, caros alunos. Nunca se esqueçam das regras. Em especial, as de bom comportamento.”

“Recebemos uma carta do colégio, Antonino. Você precisa comparecer à diretoria. Como sem falta, ouviu?!”

Um gosto amargo, idêntico ao daquela manhã, assomou-lhe à boca. Afrouxou o nó da gravata, a mesma falta de ar. Em passadas largas, como não fora capaz de fazer naquele dia, uma sexta-feira de sol a pino, rumou para a sala do diretor. Lá entrando, a saudação.

— Seu Antonino Gervásio de Alencar, quanta honra! Um dos empresários mais ilustres da nossa terra, cria deste educandário, agora de volta a esta casa da educação. E com o seu filho único entregue aos nossos mestres... Agora, Doutor Gervásio, somos um complexo educacional. Do infantil à universidade. Nossos discípulos recebem uma orientação sem interrupções, lastreada na honradez e nos bons costumes. Da forma tradicional, em respeito à honra e à família. E às regras; em especial, as de bom comportamento. Sem concessões. Repito, sem concessões.

O ódio assomou-lhe à face. “Ordinário!...” O mesmo diretor, apenas mais idoso, no entanto com as mesmíssimas, e surradas, expressões. “Puxa-saco dos poderosos!”

Quando quis abrir a boca para vomitar a omissão guardada havia duas décadas, uma pessoa ofereceu-lhe água e café.

— O senhor aceita?

— Professor Argemiro!?...